



**Aspectos antropológicos e éticos, ligados à nossa ancestralidade, no**  
***ENTRE MARGENS: Diálogo intercultural e outros textos* de Sara**  
**Jona Laisse**  
**– um “chamamento” à reflexão profunda.**

*Matos Matosse*

O *ENTRE MARGENS: Diálogo intercultural e outros textos*, de Sara Jona Laisse, escritora, crítica de literatura e docente universitária, é um livro dividido em duas partes: primeira parte: *ENTRE MARGENS: Diálogo intercultural*, (com 20 textos); segunda parte: *outros textos*, (com 4 textos); tem 136 páginas e foi prefaciado por Vanessa Riambau Pinheiro e o posfácio de Ana Mafalda Leite.

A autora impele-nos – num bom sentido do termo – para uma análise e debates profundos dos conteúdos constantes do seu livro, os mesmos têm que ver, grande parte, com os hábitos da sociedade moçambicana, cuja religião é ASCENTROLATRIA, isto é, uma religião do culto dos antepassados defuntos. Dos mortos. Ancestralidade.

Eu proponho-me a analisar alguns textos, como pretexto de levar este livro ao conhecimento do público. Aliás, isto constitui, também, um dos papéis da crítica literária: eis os textos: (1) Espíritos dos antepassados e santos canonizados, mediadores entre Deus e os Homens, págs.: 21 e 22; Mortos a regular a vida dos vivos, págs.: 23 e 24; (2) *Ku-tsinga*: dos hábitos às mudanças tradicionais, págs.: 35 - 37; (3) Injustiça social: “*ukati, ovaxi nivanga hona vasati?*”, págs.: 61 – 66; (4)

“No meio do caminho”: pedras, sombras, maridos e mulheres da noite, págs.: 76 – 79; e, por fim, (5) “Verdades” dos mitos: rituais de donzelar, págs.: 93 – 97, todos da parte 1; (6) Os “ventos do Apocalipse” podem manter a arte em tempo de “emergência sanitária”, págs.: 115 -121, da parte dois.

[A estrutura deste livro e, sobretudo, a escolha, pela autora, dos temas, a sua arrumação, permitem, facilmente, que se faça uma análise dos mesmos, de forma aleatória.]

Sara Jona Laisse levanta aspectos antropológicos ligados à cultura da nossa sociedade moçambicana – [rituais], [menciono, apenas, (3) três perspectivas na minha visão]: (1) a sua **importância**, na **educação da mulher** e, nessa linha, a **organização das sociedades**. [Aqui, a mulher como sujeito central, tendencialmente, de todas as cerimónias – rituais – apresentadas. O homem é olvidado e, paradoxalmente, é-lhe atribuído o papel de “*chefe de casa*”. Um papel que tem as suas exigências. Absurdo?!...]; (2) o **aspecto psicológico** que estes desempenham aos sujeitos, pág.: 35, 2º §. Aliás, em Injustiça social: “*ukati, ovaxi nivanga hona vasati?*”, págs.: 61 – 66, Sara diz-nos, baseando-se na canção da cantora moçambicana, Marlen: “...*Em fórum doméstico, é ela quem dá à luz, que, entretanto, deve adoptar o apelido do marido, após o casamento; as tarefas caseiras são a ela relegadas, cozinha, serve à mesa e comer. No âmbito profissional, (...) é a mulher quem trabalha, e, entretanto, o chefe do negócio é o marido*”, pág.: 62.; e (3) **aspecto de ética**. Estes rituais respeitam a dignidade da pessoa humana ou, apenas, olham para o fim último? O seu propósito? Por aquilo que se depreende, julgo que não.

Neste texto, há um aspecto a ter em atenção [ver o parágrafo anterior, sobre o âmago da canção da Marlen]: “...*deve adoptar o apelido do marido*...”; e, limpidamente, vemos a forma verbal - **deve**. Aqui, levanta-se a questão de Ética da pessoa. Ou Ética no geral. A imperatividade. A obrigação. O desrespeito pelos direitos do outro [da mulher, neste caso]. Por que lhe roubar o **apelido**? Olha, o nosso apelido está, intrinsecamente, ligado a nós. Temo-lo, não desassociado dos nossos ancestrais. Dos nossos espíritos. Por outro, o nosso apelido é a nossa identidade. A nossa dignidade como pessoa. Urge uma reflexão e – tomada de medidas –, o libertar-se da mulher – [já temos este livro a nos dar impulso, a nos remover o véu, a venda que nos cega. A

mulher deve libertar-se como uma águia. Mas é ela que se deve libertar ou é a sociedade quem deve abandonar estas práticas? Eis a questão?...] As mulheres não encontram espaços para negar, devido ao tipo de educação que lhes são injectadas, desde a nascença, estes ritos de donzelar [= celebrar os ritos de iniciação]: “*Nem que o marido bata em ti, minha filha, deve aguentar o lar*”., pág.: 63, 4º §. Ela é chamada a ter paciência. A mulher é tida como um indivíduo sem valor. É *istificada*. É *coisificada*.

Em *Ku-txinga*, dos hábitos às mudanças tradicionais, págs.: 35 – 37, – [*ku-txinga* é a purificação de uma viúva pelo seu cunhado; quando uma mulher morre, em substituição, uma irmã ou prima – da falecida – fica com o seu marido. Em outras sociedades, o *ku-txinga* pode ser praticado por outro homem que não seja, necessariamente, o cunhado da viúva. Nesta cerimónia, nota-se a falta de observância de cuidados de saúde, da contaminação pelo HIV-SIDA. Não há protecção. Não se usa o preservativo. Para este fenómeno, desde 2008, diz Sara Jona Laisse, “o MISAU – Ministério da Saúde, dado o elevado índice de cerimónia, em consenso com a AMETRAMO – Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique” (...) passou a recorrer-se a ervas para realizar o banho de purificação da(o) viúva(o)”., pág.: 37. Se as sociedades optassem pela ‘purificação, usando ervas’, deixando para trás, definitivamente, a ‘purificação através de relações sexuais’, evitar-se-ia muitas doenças de transição sexual. Mortes. Crianças órfãos. E, conseqüentemente, a mulher livrar-se-ia destes grilhões famintos que a consomem, impiedosamente.

Algumas questões que Sara Jona no-las traz, como é o caso de maridos e mulheres da noite, continuam a se verificarem pela recusa à abordagem, consciente e, abertamente, das mesmas, por vergonha, medo, “*pelo facto de não se verem em condições de informar que entregaram aquela pessoa a determinados espíritos*”., pág.: 78, 1º §. Um homem que se casa com uma mulher que já tem outro marido espiritual corre o risco de morte. Sucedendo o mesmo, quando for o contrário. Quem o(a) mata? O tal espírito que o faz em revindicação. Voltamos à mesma questão de desvalorização da pessoa humana. Essa entrega é para o pagamento de uma dívida que uma pessoa X de uma família Y tenha contraído, às vezes, em bebedeira, ou em curandeirismos, aonde vão para “adquirir a sorte; a riqueza”, etc.

O livro levanta, igualmente, os rituais de preparação de uma mulher para o casamento e para a procriação, e a autora assume uma posição de condenação, por estes rituais concorrem para os casamentos prematuros. A mulher é preparada para cuidar bem do marido. Tudo é, em volta disto. E as nossas sociedades, maioritariamente, pobres, não encontram mais nada que entregar, fora a sua filha de tenra idade, para os *cuidados* do homem, obrigando-lhe a abandonar a escola. Há uma coisa que vivi, no meu bairro, década 80, uma moça que já lhe despontavam as mamas foi submetida a um ritual para tardar o crescimento das mesmas pelos seus pais, usando-se uma vassoura de palha ou cesto de palha [não me lembro muito bem do utensílio utilizado]. De facto, estas encolheram, assustadamente, e, quando estas renasciam, apenas, despontou uma. A outra nunca mais repontou. Isto significa que, às vezes, há deformações físicas que advêm destas práticas e irão constituir a perda de auto-estima da criança.

A abordagem destes assuntos não pode caber neste espaço. Como pode ver, caríssimo leitor, fui colocando-os em réstias, que, para a sua compressão profunda, seria necessário que o leitor lesse todo o livro.

Na abordagem do tema: Espíritos dos antepassados e santos canonizados, mediadores entre Deus e os Homens, Sara Jona, para além de reconhecer a existência de um só Deus, mas, em trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, esta concepção cristã, a chegada a Ele só pode ser feita “com a mediação dos espíritos dos antepassados”, pág.: 22. São estes espíritos que enviam as preces a Deus. E, com o ecumenismo, a Igreja Católica se reinventou, passando a incorporar nas missas o batuque, *xikitsi*, e outros instrumentos tradicionais de sopro.

Este tema está ligado ao de “mortos a regular a vida dos vivos”, pág.: 23 e 24. Mas como isto é possível? – segundo Sara, no que à dimensão da vida diz respeito, é preciso recordar que *a morte não é um fim em si*, pág.: 23, 1º §. Os vivos continuam a ter uma ligação com os mortos, chegando, os vivos a construírem palhotas ou pequenos altares onde fazem cerimónias de evocação dos espíritos. Estes espaços ou lugares são ‘sagrados’. Quem os desrespeitar, pode sofrer graves consequências. O castigo dos espíritos. Às vezes, para se dar o nome ao recém-nascido, consulta-se aos espíritos. Quando não chove, recorre-se a estes; e chova.

Em “ventos do Apocalipse” podem manter a arte em tempo de “emergência sanitária”, págs.:115 -121, dedicado à escritora Paulina Chiziane e ao poeta-mor José Craveirinha, autor dos livros *Cela 1*, *Karingana ua Karingana*, *Xigubo...*, faz uma crítica, e traz-nos o seu ponto de vista sobre o momento da pandemia que assolou o mundo e Moçambique; das consequências que a pandemia trouxe às artes, particularmente. A actividade artística parou. Os artistas ficaram todos confinados. Porém, podia ter se potenciada a *performance* – uma actuação que pode ser realizada a partir de diferentes linguagens, por exemplo: música, dança, teatro, artes visuais, declamação/leitura, moda. Estas actividades, que podem ser realizadas de forma individual, não podiam ter sido interrompidas. Todavia, já apareciam algumas iniciativas similares, envolvendo músicos a actuarem na TV para as pessoas em suas casas, naquilo que ficou denominada “Fique em casa”. A par disto, os concursos literários não deviam ter merecido a mesma sorte, pois devia ter-se aprimorado o envio dos textos na forma digital.

A pandemia teria prejudicado muito no campo, onde as manifestações culturais exigem um contacto físico, de algum modo: M’saho, tufo, zore, mapiko, xingomana, etc., etc., etc.

Nesta parte do livro, a autora tece crítica, igualmente, do *desaparecimento* dos instrumentos musicais como: flauta, chigovia, pala-pala. E questiona: onde anda estes instrumentos? O que é feito deles?

Se calhar, só para pôr ponto e vírgula, não o fizesse sem deixar esta ideia trazida pela autora: “...a análise das culturas deve optar por descreve-las e não estabelecer **subalternidade** [o destaque é o meu] entre umas e outras”., pág.: 132.

### ***Bibliografia***

LAISSE, Sara Jona, *ENTRE MARGENS: Diálogo intercultural e outros*, Editora: gala-gala edições, Moçambique-Maputo 2020.

CIPIRE, Felizardo, *A Educação Tradicional em Moçambique*, EMEDIL, Dezembro de 1992.

CHIZIANE, Paulina, Niketche, Ndjira, 6ª edição, 2009.



**Autor:**

*Matos Matosse*

*Professor, escritor e ensaísta literário. É membro fundador do Círculo Académico de Letras e Artes de Moçambique, CALAM. <[chonape.matosse@gmail.com](mailto:chonape.matosse@gmail.com)>*

*+258 844164395 Moçambique-Maputo*